

O Cão-Tinhoso: “é preciso que morra a tribo para que a nasça a nação” (Mondlane, 1962)

Vércia Conceição⁵⁶

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo

Este artigo apresenta uma das possíveis leituras para o enigma Cão-Tinhoso, da narrativa de Luís Bernardo Honwana, “Nós Matamos o Cão-Tinhoso”, presente em sua obra de mesmo nome. A narrativa se passa em Lourenço Marques, atual Maputo, no período colonial. Trata-se de uma história bastante surreal, em que as personagens são apresentadas de maneira muito parecida com as pessoas e seus respectivos papéis sociais, dentro do arranjo do sistema colonial português. O enredo gira em torno da morte de um cão – “velho” e “caindo aos pedaços”. Sua morte é almejada pelos adultos da narrativa e por parte da malta e das crianças da escola, em que Ginho e Isaura estudam. Aqui, coloco em pauta a FRELIMO e a luta pela libertação, pondo em foco a discussão sobre os projetos de nação e os diferentes anseios dos moçambicanos, a partir das figuras de Ginho e Isaura. Para essa reflexão, conto com os estudos de José Luís Cabaço (2009) e Maria Paula Meneses (2016).

Palavras-chave

Cão-Tinhoso. Frelimo. Nação. *Homem Novo*.

⁵⁶ Cursa doutorado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

Os primeiros anos da década de 1960, em Moçambique, foram dedicados à busca pela unificação dos movimentos de libertação, por parte dos dirigentes da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique. Por esse motivo, essa segunda leitura⁵⁷ que proponho para a narrativa “Nós Matamos o Cão-Tinhoso” leva em consideração o projeto de independência e as divergências que figuraram nesse período no interior da Frente de Libertação e que teve como mote as diferentes formas de pensar a luta, a unidade nacional e o sujeito moçambicano. Embora se trate de uma ficção, não posso deixar de registrar que as reflexões sobre cultura e unidade nacional sempre fizeram parte das preocupações de Honwana, que esteve na diretoria da FRELIMO no período supracitado e posteriormente atuou como ministro da cultura de Moçambique.

Dessa forma, se antes me concentrei no interesse da elite branca em matar o Cão-Tinhoso, agora atentos precisamente na atuação de Ginho e de Isaura, dois personagens que representam a população negra moçambicana na narrativa. O primeiro passou por um processo de transformação, melhor dizendo, alterou a estrutura de sua consciência em relação à morte de Tinhoso e dos possíveis desdobramentos dessa ação. Já a menina nutria uma cumplicidade inabalável ao cão, colocando-se contrária à sua morte até o último momento. Esses dois posicionamentos dos personagens, nesta leitura que faço, podem denotar tanto a dicotomia que se formou no interior da FRELIMO como pode aludir à presença do “inimigo interno” do movimento.

Primeiramente, notamos que não só Isaura era próxima a Tinhoso, Ginho, até certa medida, também nutria afeição pelo cão. Talvez porque, mesmo estando na escola e tendo aprendido mais coisas que a Isaura – afinal passava pesca para Quim, o chefe da malta –, o garoto compartilhasse de um mesmo *status* social que o cão e que Isaura. O que pode ser lido na passagem a seguir, como evidência da ambiguidade presente no excerto em que Ginho e o Cão-Tinhoso estão no clube na presença do Senhor Administrador:

Olhou para mim e para o Cão-Tinhoso sem saber com qual de nós os dois havia de correr primeiro. Enquanto pensava para resolver isso cuspiu para nós os dois, isto é, para um sítio entre nós os dois. Está-se mesmo a ver que o cuspo tanto era para mim como para o Cão-Tinhoso. (HONWANA, 1980, p.12).

⁵⁷ A primeira leitura foi apresentada no artigo que está sob submissão à *Revista de Letras*.

Na primeira leitura que apresento para a narrativa, o Cão-Tinhoso surge como o colonizador/a colonização, podendo essa passagem denotar que o colonizador – tanto quanto o colonizado – era uma presença indesejada socialmente, para uma elite branca na província. Aqui, pondo em foco a luta anticolonial liderada pela FRELIMO, trabalho com a leitura do cão, como representação do colonizado – que pode aludir às vezes às tradições, às vezes à luta dos colonizados. Então nessa passagem Ginho e Cão-Tinhoso, para o Senhor Administrador, não passam de negros nativos que, na consciência da sociedade colonial, não pode dividir o mesmo espaço com brancos. Afinal, Ginho encontrava-se, nesse momento, junto ao Cão-Tinhoso, porque, a malta estava a jogar futebol e quiseram fazer “um desafio a sério”, por isso não o deixaram jogar, deixando-o como suplente:

Eu vi logo que eles não me haviam de deixar jogar porque o jogo era a dinheiro e quando é assim eles não me deixam jogar. Isso de eu ficar como suplente era o que eles diziam quando não queriam que eu jogasse, mas eu não disse nada e fui para a varanda do Clube. O Cão-Tinhoso estava lá. (HONWANA, 1980, p.11).

No excerto acima, talvez esteja evidente que toda a malta tinha poder de decisão, em detrimento de Ginho, que apenas acatava a decisão do grupo, talvez pela sua condição de colonizado. Mas o que nos chama a atenção para esse momento é o fato de ele ir para a “varanda do Clube”, onde se encontrava o Cão-Tinhoso. Aqui se torna oportuno dizer que alguns espaços da sociedade colonial não podiam ser acessados pelos colonizados, mesmo se tratando de *assimilados*, pois a cor da pele era o bilhete de entrada (CABAÇO, 2009). O Clube é um desses espaços. Podiam até frequentar, mas tinham, de certo, um lugar reservado. No caso da narrativa, entendemos que era a varanda, onde se encontrava o Cão-Tinhoso.

A comprovação de que menino e cão partilham de um mesmo espaço na sociedade apresentada por Honwana encontra-se na relação, em certa medida, próxima, que Ginho estabelece com Tinhoso e isso é reprovado pelos companheiros:

– Ouve lá, tu deixas esse cão todo podre que é um nojo encostar-se a ti? – O Faruk estava sempre a meter-se comigo, mas o Quim queria combinar as coisas.
– Deixa lá, deixa lá... Bem, malta, o cão não sai daqui e a gente vai cada um para sua casa buscar as armas e depois levamo-lo para a mata atrás do matadouro e damos cabo dele, óquêi?
– Como é que o levamos? Eu é que não o levo às costas...
– Ó minha besta! – Quim não gostava daquelas piadinhas. – E isso seria demais? – Como é que vocês, os quadrúpedes, costumam levar as coisas? – Depois virou-se para mim:

– Ginho, tu trazes aquela corda que tens na tua casa debaixo do canhueiro.
– E quem é que leva o cão? – (Eu não queria levar o Cão-Tinhoso). (HONWANA, 1980, p. 18-19).

Além de ser o único da malta que se relaciona, de maneira próxima, com o cão, Ginho faz parte do grupo, mas até aqui, mostra que não quer matar Tinhoso. Inclusive é a primeira vez que o narrador consegue discordar de uma decisão tomada pela malta, embora de forma desencorajada, o que pode indicar o seu relativo apreço pelo animal. A recusa de Ginho parece um ato de ponderação diante do inevitável: a morte do Cão-Tinhoso. A afetividade pelo seu igual falou mais forte que o sentimento de pertença a malta. A morte do Cão-Tinhoso pesou para Ginho, em primeira instância, entretanto, o menino logo se vê convencido por essa ideia e, como os demais garotos, anima-se para atender ao pedido de Senhor Duarte:

Enquanto corria para a escola, fui pensando que afinal até era bom matar o Cão-Tinhoso porque andava todo cheio de feridas que era um nojo. E até era bem feito para a Isaura que andava cheia de manias por causa dele. Quando cheguei à escola, apalpei o bolso da camisa para sentir as balas a esfregarem-se umas nas outras. Bem, esqueci-me de dizer que, quando fui buscar a espingarda, também levei algumas balas. Se não levasse, como é que havia de matar o Cão-Tinhoso? (HONWANA, 1980, p. 19).

Daqui nasce o recorte que defendo nesta ocasião para a narrativa: a denotação do projeto de independência e de unidade nacional da FRELIMO, pois os ideais da Frente de Libertação, no que diz respeito à modernização das culturas tradicionais e na forma de pensar a luta armada, mexeram de forma diferente nos nativos que aderiram ao movimento. Essa postura de Ginho pode ser lida como um movimento inicial de recusa, que após julgamento atencioso, pode ter feito com que o garoto visse o caso – a morte do cão – de outra forma. É como se ele tivesse parado para ponderar sobre os impactos dessa morte para sua vida, sua postura ante os demais garotos, pois passou por uma mudança de atitude, inclusive, critica Isaura que “andava cheia de manias” por causa do Cão-Tinhoso. As “manias” de Isaura parece ser uma leve crítica ao apego às tradições, a julgar pela passagem em que a menina conversa com Tinhoso sobre os rumores de sua morte:

– Não liguês a isso tudo porque é peta do Quim, o Doutor da Veterinária não te quer matar nem nada, isso é peta. Nós ainda vamos falar das nossas coisas, e eu

hei-de dar-te de comer todos os dias. Também posso vir à tarde depois da hora do lanche e trazer-te de comer, a minha mãe não diz nada. (HONWANA, 1980, p. 16).

Na fala de Isaura, percebe-se certo desejo pela manutenção de algo – “nós ainda vamos falar das nossas coisas” – que corre o risco de mudança com a morte do cão. Essas “nossas coisas” talvez seja uma referência às tradições, mas o sendo, porque é que Ginho, nativo como Isaura, convence-se da necessidade da morte de Cão-Tinhoso, em dado momento? As posições de Isaura e Ginho em relação à morte do Cão-Tinhoso representariam que tipo de dicotomia? Ressalto a possível mostra de diversidade de sentimentos e ações no interior da sociedade colonial moçambicana, sobretudo nos segmentos negros nativos por entre os vínculos sugeridos pelos “nós” e “nossas”, que se articula com a reflexão feita sobre a dicotomia no interior da FRELIMO (CABAÇO, 2009), no que diz respeito à forma de pensar a independência e conseqüentemente a idealização da nação moçambicana.

Como os dirigentes da FRELIMO lutaram pela unificação do movimento pró-independência, estabelecendo essa unidade a partir da ideia de um inimigo único – o sistema colonial –, em seu interior, formou-se uma divisão ideológica que, mais tarde, gerou até dissensões, pois todos queriam o fim do colonialismo; embora nem todos tivessem entendido que o fim do colonialismo só seria possível através da luta armada, acabaram por aceitar a proposta da FRELIMO, já que foi a ação mais eficaz para fazer frente à repressão colonial; entretanto, a ideia da nação gerou divergência entre os integrantes.

De um lado os líderes tradicionais pensavam numa descolonização por região/território etnolinguístico, tinha como projeto a expulsão dos portugueses desses territórios e a reapropriação do patrimônio físico e das formas tradicionais de poder. O ideal para essa parcela da FRELIMO seria expulsar os portugueses, estabelecendo-se uma unidade nacional que preservasse as formas de divisões tradicionais, por grupo etnolinguístico, o que resultaria numa ideia de *protonação*.

Do outro lado, encontravam-se os dirigentes, partidários da unidade nacional que pensavam numa independência geradora de uma nação moderna e um novo sujeito moçambicano, que surgiriam da amálgama formada por todos os moçambicanos. Para aqueles, era necessário superar o divisionismo criado pela lógica do “tribalismo”, uma construção da colonização, e unir os moçambicanos – nas palavras de Eduardo Mondlane – para além das tradições. É dessa ideia que surge numa fala do então dirigente da FRELIMO,

no primeiro congresso da Frente em 1962, o lema que intitula este artigo: “é preciso que morra a tribo para que nasça a nação”.

Nesse sentido, a fala de Isaura para o Cão-Tinhoso pode ser interpretada como uma representação do discurso dos defensores da ideia de uma *protonação*, pois a linha nativista da FRELIMO via o projeto da nação moderna idealizada pelos guerrilheiros da Frente, como algo negativo para as tradições, assim também como foi a colonização. Isaura, por sua vez, percebe os adultos – possivelmente uma elite branca (a Senhora Professora, o Senhor Administrador) – como sendo maus para o Cão-Tinhoso, assim como vê Ginho, que não se opõe a essa morte. É o que se percebe na fala da menina para Ginho, após a professora ter enxotado o Cão-Tinhoso da Escola:

– Viste?
E eu disse:
– Vi.
E ela:
– Correu com ele...
E eu:
– Sim.
Ficamos um bocado sem falar. Os cantos dos olhos dela começaram a encher-se de lágrimas e quando os olhos estavam cheios elas rebentaram e caíram-lhe pela cara abaixo, a fazer dois riscos grossos. Perguntou-me:
– Viste?... Viste o que ela fez?...
Eu respondi:
– Vi.
E ela:
– Ela é má... É má...
Eu não disse nada e ela continuou:
– Todos são maus para o Cão-Tinhoso... (HONWANA, 1980, p.10-11).

A repetição utilizada por Honwana na construção desse diálogo entre Isaura e Ginho pode ser uma marca da oralidade, da narratividade oral, mas pode ser concebida como um mecanismo que demarca a insistência da menina, que espera alguma postura mais firme do narrador. Percebemos certo ar de desconfiança de Isaura em relação à Ginho, o que vem corroborar para a analogia que apresentamos aqui, pois a menina não vê o narrador como um aliado no desejo de preservar a vida do cão. Ao que parece, em “todos são maus para o Cão-Tinhoso”, o “todos” pode estar por incluir seu interlocutor. Numa passagem anterior, essa desconfiança de Isaura em relação a Ginho já pode ser notada, porque as duas crianças são nativas, estudam na mesma escola, mas até então nunca haviam se falado:

Eu estava a pensar nisso e a comer o lanche, quando vi que Isaura andava à procura do Cão-Tinhoso. Depois foi lá para fora e espreitou a rua toda. Como não visse o Cão-Tinhoso, ficou no portão a olhar para todos os lados até que me viu. Ficou uma quantidade de tempo a olhar para mim e, depois, veio até às escadas, a andar devagarinho e de lado, subiu-as, e quando chegou perto de mim voltou-se para uma coluna e pôs-se lá a rascar qualquer coisa, muito distraída. Perguntou-me como se estivesse a falar com outra pessoa que eu não via:

- Viste meu cão? Hein? Viste?

Como eu não desse nenhuma resposta, porque era a primeira vez que ela falava comigo, insistiu:

- Não passou lá para fora?... (HONWANA, 1980, p.9).

Chama a atenção o fato de a menina provocar uma aproximação, talvez um gesto de confiança em relação a Ginho, o que não lhe tira a sua suspeição, pois se achega, mas vai “devagarinho e de lado”, demonstrando receio nessa associação. Noto, aliás, meio que uma desconfiança mútua, pois o menino busca sempre estar por perto, como a espreitar:

Estava a fazer uma voltinha quando me viu mesmo atrás dela. Ficou de boca aberta a olhar-me, depois virou-se para mim com a boca muito fechada e de mãos nas ancas:

- O que é que você quer daqui?

Fingi que estava a apanhar qualquer coisa com que tivesse estado a brincar e ido para ali sem ser de propósito, e depois fui-me embora a fingir que metia a coisa ao bolso. (HONWANA, 1980, p.16).

Assim sendo, se a morte do Cão-Tinhoso representa um projeto de independência e o nascimento de uma nação moderna, Ginho pode ser lido como o “homem novo”, o sujeito moçambicano, pensado pela FRELIMO. Ele pode encontrar-se em estado de formação, já que ainda assume posições instáveis: há momentos em que acredita que a morte de Tinhoso é a melhor coisa a ser feita, em outros momentos, no entanto, falta-lhe segurança para essa tomada de decisão, como podemos ver em sua fala, na estrada para o matadouro: “Quim, a gente pode não matar o cão, eu fico com ele, trato-lhe as feridas e escondo-o para não andar mais pela vila com estas feridas que é um nojo!” (HONWANA, 1980, p.22).

Aqui, o menino repete o discurso dos demais interessados pela morte do cão, que, nas palavras do Doutor da Veterinária, do Senhor Duarte, dos gajos da malta, “anda por aí com essas feridas que é um nojo”. A imagem do cão relacionado a algo nojento parece ser o discurso de um grupo, que foi utilizado por Ginho, não para corroborar para a ideia de morte, mas, sim, para propor outra solução: em vez de matar o cão, tratar-lhe as feridas e escondê-lo. Uma proposta que se encontra entre o desejo de Isaura e o desejo dos adultos. Algo do

tipo: o cão não precisa morrer, mas o tiramos dos espaços sociais. O que pode ser lido como: as culturas tradicionais não precisam morrer, elas podem existir no interior dos grupos etnolinguísticos.

Vemos que o menino, mesmo momentos antes do desfecho, ainda tem dúvidas sobre a necessidade da morte do cão. Ele chega a relutar, tenta eximir-se da tarefa: “Quim, eu não quero dar o primeiro tiro... (Eles queriam que eu desse o primeiro Tiro) [...] Sabes, Quim, é que eu não quero matar o Cão-Tinhoso...” (HONWANA, 1980, p.25). Mas a malta fez pressão, cobrou dele uma postura de coragem: “Se tu continuas assim, a gente depois conta lá na escola que tu tiveste medo de matar o cão, que começaste com cagufas⁵⁸... A gente vai contar isso, palavra que vai contar...” (Idem, 1980, p.26).

Essa passagem é um torna-se um registro da pressão sofrida por Ginho para assumir a responsabilidade do primeiro tiro e então observar a ambiguidade do momento em análise. Algo que pode fazer uma alusão à luta armada, à formação de um exército, à criação de um “homem novo”. Um processo que gerou posicionamentos cheios de contradições entre os moçambicanos. E aqui é possível ver o movimento de recuo de Ginho com uma latência para ser o elemento que o movimento denominou como “inimigo interno”, aquele que questionou e criticou o projeto do movimento de libertação. Segundo Maria Paula Meneses (2015), a FRELIMO trabalhava com duas distinções para os posicionamentos dos moçambicanos em relação à luta:

os ‘bons’ moçambicanos, que se envolveram na luta armada, e os inimigos, aqueles que traíram a causa nacional, seja num primeiro momento por se terem aliado ao regime colonial seja por, posteriormente, terem criticado e desafiado o projeto político nacional avançado pela liderança da FRELIMO [...] Porém, a definição do ato de traição, ao refletir posições políticas e sociais cujo conteúdo se altera com o tempo, desafia a lógica moral que subjaz ao binômio estabelecido entre revolucionário e reacionário, amigo e inimigo, vítima e responsável. (MENESES, 2015, p. 12).

Nesse sentido, Ginho – tanto quanto Isaura – podem representar, até certa medida, a presença do “inimigo interno” no movimento. Ambos, em níveis diferenciados, colocaram-se contra a morte do Cão-Tinhoso. Para essa leitura, não defendo que eles sejam aliados diretos do sistema colonial, mas contrários à luta de libertação nacional, pois se o

⁵⁸ “cagufas”: “medo, receio”, conforme glossário da edição.

Cão-Tinhoso pode ser lido também como tradição, o apego a ele, pode representar a persistência de uma consciência “nociva” ao projeto de independência, portanto pode contribuir indiretamente para a colonização. Conforme pronunciamento de Samora Machel apresentado por Luís Cabaço (2009, p.304, grifos do autor), “[o] comportamento (a *práxis*) torna-se sentinela de nossos vícios e defeitos [herdados do colonialismo e da tradição, como parte deste][...] que constituem para eles [colonialistas e seus agentes] como que acampamentos *morais* reacionários instalados nas nossas cabeças”.

No texto de Honwana, entretanto, Ginho não se aproxima da figura de um “inimigo interno”, nem sequer latente, à medida que passa por transformações pontuadas por conflitos interiores, aparentemente resolvidos no final da história. Antes, tentou sugerir outra resolução para a questão – tratar as feridas do cão e escondê-lo –, mas acabou por aderir à decisão do grupo e cumpriu com a ação que lhe deram:

- Eu não sou medroso! Já disse, não sou medroso!
- És, és, és... Atira se não és! Atira!
- Atiro sim, e depois? Eu mando já um tiro no sacana do cão... (Honwana, 1980, p.26).

Em meio a fortes dúvidas, mas acreditando numa mudança de *status* perante a malta, ele dispara o primeiro tiro: “logo depois do estoiro ouvi um grito monstro e nada mais” (HONWANA, 1980, p.28). E, na primeira cena que se passa na escola, após a morte do cão, já é possível perceber alguma diferença na postura do menino, pois num dos primeiros relatos dele na escola, ele narra com certo incômodo a obrigação que tinha de demonstrar respeito à professora, todas as vezes que ela passasse por ele:

A Senhora Professora estava a ler um livro e passeava pela varanda, indo até uma ponta, virando-se e vindo para a outra. Como ela passava por mim (ouvía cóc, cóc, cóc, no chão) eu estava para saber se me havia de levantar ou não quando ela passava, porque era chato levantar-me todas as vezes que ela passava por mim. De resto, era mesmo capaz de estar a pensar que eu não dava por ela, por estar de costas para o sítio por onde passeava, e não me perguntar depois, na aula, se os meus pais não me davam educação. (HONWANA, 1980, p.8).

A passagem do início da narrativa denota a submissão do colonizado pelo colonizador, além de denunciar o abuso do poder, do qual gozava a professora, que repetia a ação, passando por Ginho, que era obrigado a levantar-se, repetidas vezes, demarcando o

lugar desprestigiado do *nativo*, já que a ação não se repete entre os outros garotos. Essa realidade muda após a morte do cão: “os sapatos da Senhora Professora faziam ‘cóc, cóc, cóc’ atrás de nós, mas como eu estava a conversar com o Quim e a olhar para outra coisa, não precisava de me levantar” (HONWANA, 1980, p. 34). Ginho, talvez, tenha outra consciência do seu lugar de colonizado e possivelmente passou a questionar esse papel, mas, apesar dos incômodos demonstrados acaba por se submeter às pressões, às conveniências e aos interesses, isto é, às imposições do sistema.

Uma tomada de consciência do narrador poderia ser uma indicação de que o projeto da FRELIMO devesse ser o ideal para a realidade de Moçambique, pelo menos naquele momento. Era necessário pensar uma unidade que deixasse para trás as tradições que figuravam como um perigo frente às pressões coloniais. A independência só surgiria através da luta armada. Só uma nação e um sujeito modernos poderiam romper com as amarras da colonização.

Referências

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o cão-tinhoso**. São Paulo: Editora Ática, 1980.

MENESES, Maria Paula. **Xiconhoca, o inimigo**: narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique. In.: *Revista crítica de ciências sociais*, n.106, 2015, p.09-52. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/5869>>. Acessado em junho de 2016.

THE MANGYDOG: "IT IS NECESSARY THAT THE TRIBE DIES FOR THE NATION TO BE BORN" (MONDLANE, 1962)

Abstract

Página | 154

This article presents one of the possible readings for the enigma Cão-Tinhoso, from the narrative by Luís Bernardo Honwana, "We Kill the MangyDog", present in his work of the same name. The narrative takes place in Lourenço Marques, currently Maputo, in the colonial period. It is a very surreal story, in which the characters are presented in a very similar way to people and their respective social roles, within the framework of the Portuguese colonial system. The plot revolves around the death of a dog - "old" and "falling apart". His death is aimed at by the adults in the narrative and on the part of the guys and children at the school, where Ginho and Isaura study. Here, I put on the agenda FRELIMO and the struggle for liberation, focusing on the discussion on nation projects and the different desires of Mozambicans, based on the figures of Ginho and Isaura. For this reflection, I count on the studies of José Luís Cabaço (2009) and Maria Paula Meneses (2016).

Keywords

MangyDog. FRELIMO. Nation. *New man*. 21/08/2017

Recebido em: 22/04/2020
Aprovado em: 31/08/2020